

O TEXTO CINEMATOGRAFICO NAS AULAS DE LINGUA PORTUGUESA: CONSIDERAÇÕES SOBRE INTERTEXTUALIDADE E INTERPRETAÇÃO TEXTUAL¹

SIMONE FAEDA LUCAS²
(Colégio Estadual “Professor Sívio Tavares” – NRE-JCR)

RESUMO

O presente artigo objetiva tratar da temática do texto cinematográfico como recurso potencializador da interpretação textual e suas possibilidades de utilização didática na disciplina de Língua Portuguesa, visto como narrativa fílmica a ser confrontado com os demais gêneros textuais que circulam socialmente, como forma de estimular a capacidade interpretativa dos alunos por meio das intrínsecas visões de mundo que esta prática intertextual pode suscitar. Considerando-se, portanto, o filme como recurso potencializador da interpretação textual, objetiva-se atingir qualidade na formação de leitores, resultante do ato fecundo de compreensão e interferência no espaço social de atuação do sujeito.

Palavras-chave: texto cinematográfico, narrativa fílmica, leitura, intertextualidade, interpretação textual.

ABSTRACT

The present article aims to treat the cinematographic text theme as a potential resource of the textual interpretation and its possibilities about the didactic use in the Portuguese Language subject, seen as a film narrative to be confronted with the other textual genres that circulate socially as a way of stimulating the students' interpretative capacity through the intrinsic world visions that this intertext practice can raise. Considering, therefore, the film as a textual interpretation potential resource, the objective is to reach quality in the readers' formation, resulting from the fertile action of understanding and interference in the person's performance social space.

Key-words: cinematographic text, film narrative, reading, intertextuality, textual interpretation.

¹ Texto apresentado como trabalho final ao PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional, sob a orientação da Professora Doutora Vanderléia da Silva Oliveira, da Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP, campus de Cornélio Procopio.

² Professora da Rede Estadual de Educação, formada em Letras pela FAFIJA e pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho. Participante do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE – turma 2008.

INTRODUÇÃO

Luz, câmera, ação! Uma vez pronunciada esta frase algo mágico acontece.

A grandiosidade do cinema está no fato de que, com seu advento, criou-se também a arte de se retratar, de forma dinâmica, a imaginação, o pensamento, a História, a vida...

Nada poderia ser mais instigante para a mente humana do que a capacidade de reproduzir, em um espaço ilimitadamente criativo, o próprio homem em suas diversas facetas. Considerado como sétima arte, ele se reveste das demais, pois toda expressão artística – literatura, música, dança, pintura, escultura, efeitos especiais sonoros e visuais – é parte de sua essência.

O cinema é um meio de extensos alcances: atinge a todos os povos, dialoga com todas as raças, encanta todas as idades. Desperta os culturalmente adormecidos, resgata os historicamente renegados, critica os socialmente acomodados, impulsiona a mente e toca no coração. Desde sua invenção pelos irmãos Lumière, o cinema diverte, entretém, instiga, provoca, questiona, infere, argui, comove, resigna, envolve e estende o olhar do homem para muitas realidades a seu redor. Em outras palavras, o cinema também educa!

É por isso que, inserido no campo educacional, ele ocupa um espaço de grandes oportunidades para o ensino, assumindo uma função bem mais abrangente do que a sua costumeira qualificação como entretenimento, ao propor reflexões sobre situações extraídas da realidade e enriquecidas pela força da imagem. Como mídia, possui certa tendência a sugerir comportamentos e, por isso, influencia na forma como as pessoas concebem certos valores e os internalizam como referência, discutíveis no campo da ética e da moral.

Nesse processo, a narrativa cinematográfica torna-se um meio motivador de reflexão e é elevada a um patamar superior à arte popular: torna-se um elemento novo a ser considerado no universo educacional e propõe novos olhares e possibilidades para o ensino. A partir daí, é perceptível a consistência da força dos argumentos legitimadores do cinema como recurso de aprendizagem, na medida em que estes integram a proposta pedagógica no respaldo ao trabalho de leitura, interpretação, conhecimento histórico e cultural, pois entender a utilização do texto fílmico na escola é bem mais do que defender uma forma de ensino: é resgatar os

fundamentos de se educar, proporcionar cultura, despertar interpretações sobre a própria vida, dotar o ser humano de um conhecimento enriquecido pela emoção e sensibilidade.

Sob estes aspectos, focando-se no tema da formação do leitor, o cinema ocupará, nos itens seguintes, uma atenta investigação como arte, narrativa fílmica, elemento curricular, recurso de análise intertextual e interpretativa. Para tanto, este texto apresenta considerações sobre o cinema ou, mais especificamente, sobre o texto fílmico como objeto de análise didático-pedagógica, tendo por base os estudos realizados a partir da bibliografia consultada na área e a partir de experiências vivenciadas em sala de aula, resultantes da implementação de um projeto de intervenção pedagógica no Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE, realizada no primeiro semestre de 2008, intitulado *Educação e Emoção: o texto cinematográfico como recurso potencializador da interpretação textual*.

2 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

Traçar um estudo sobre os grandes enfrentamentos do ensino na atualidade é pensar, primeiramente, na questão da leitura. Ela é, realmente, um ato que perpassa todas as circunstâncias das áreas do conhecimento, responsáveis pela divisão disciplinar na escola e atinge todas as exigências de convívio social. Por isso, ler é um requisito fundamental para o indivíduo considerar-se como parte da sociedade.

Ler não é atividade restrita aos estudos da Língua, mas é a partir dela que se forma e se estrutura a competência leitora. Portanto, a leitura é o início de todas as demais fontes de conhecimento e seu entendimento nos leva a fazer alguns questionamentos sobre a sua tessitura e seu caráter universalizador, como meio de compreensão e senso crítico para a vida.

Refletir sobre o ato de ler promove, como consequência, o questionamento sobre a capacidade de interpretar, de questionar as possibilidades de leitura a partir de fatos que ela provoca. Este raciocínio envolve uma questão social, pois se lê para uma determinada finalidade e toda finalidade se concentra no propósito de socialização humana, em que o indivíduo, ao mesmo tempo, produz e

recebe conhecimento a partir das relações sociais e precisa ter capacidade de leitura para ser parte ativo neste processo. Para atingir este nível, que estaria associado ao estágio do letramento, a leitura praticada precisa ser crítica, profunda e abrangente. Crítica para gerar discernimento; profunda para esgotar todas as possibilidades de entendimento; e abrangente para estender-se a outras leituras futuras.

Dessa forma, ao se conceber o ensino de Língua Portuguesa como fator de socialização humana por meio das várias linguagens existentes, tem-se, juntamente com a leitura, um fator importante na construção do entendimento do discurso, focado socialmente, como elemento fundamental no uso da Língua: a intenção no dizer. Partindo do princípio de que em toda forma de comunicação, seja no discurso falado, escrito, no texto verbal ou não verbal, subentende-se uma intenção no dizer, verificamos que, paralelamente ao ato de usar os recursos linguísticos como fala, escrita, leitura, há necessidade de investigar a intenção que move esses recursos para chegarmos efetivamente ao que se denomina prática do letramento.

2.1 Letramento: Um Processo de Leitura Crítica

A leitura é um conjunto de etapas significativas às quais os olhos e intelecto devem percorrer para atingir o entendimento sobre o texto. Segundo Cosson, “[...] aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular” (2006, p.40). A formação leitora implica na percepção das transformações das relações humanas, sob a qual o leitor seja capaz de reconhecer o objeto da leitura, compreender a palavra e sua finalidade no texto e, assimilando esse contexto e fazendo referências, processe um novo conhecimento de mundo. Isso é leitura, é letramento. Trata-se, portanto, de uma visão bem mais ampla e profunda de se conceber o ato de ler e escrever, focados como dimensões convergentes e referenciais para a prática social do indivíduo.

Essa formação, no entanto, não se restringe ao conhecimento adquirido na escola. Ele perpassa aspectos culturais, históricos, econômicos e até mesmo pessoais do indivíduo. Soares (2003) fala em “condições para o letramento” ao questionar a escolarização efetiva, disponibilidade de material de leitura e o acesso

a esse material em países em que não há incentivos práticos para tal formação. Com isso, entende-se que a capacidade leitora dependerá tanto de uma iniciativa método-pedagógica que promova alternativas de aproximação entre as questões sócio-culturais e os interesses individuais de leitura, quanto de uma política que enxergue as reais necessidades de se promover a leitura além dos limites escolares.

Essas considerações despertam indagações sobre como a escola tem conduzido as questões relacionadas à prática da leitura em sentido ao letramento. A isso, porém, implica perceber como os interesses individuais de leitura podem ser oportunizados na prática docente.

No espaço escolar, o processo de letramento traz consigo as exigências da investigação sobre a intenção no dizer existente nos diversos textos, bem como seus reflexos na construção da fala e escrita. Por isso, afirma-se que é preciso ler para saber escrever. Aqui, porém, cabe uma complementação na frase: é preciso *saber* ler para saber escrever... Afinal, a qualidade da leitura que se faz no decorrer dos anos escolares deve ser tão priorizada quanto sua quantidade.

Bamberger, ao tratar sobre motivação para a leitura, registra que “o que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual” (2002, p. 30). Também Jouve (2002) discorre sobre o processo de leitura como resultado de uma sedução:

O charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez sobretudo – sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação motor essencial da leitura de ficção. É porque elas provocam em nós admiração, piedade, riso ou simpatia que as personagens romanescas despertam em nosso interesse. [...] O papel das emoções no ato da leitura é fácil de se entender: prender-se a uma personagem é interessar-se pelo que lhe acontece, isto é, pela narrativa que a coloca em cena. (Apud ALMEIDA, 2007, pp.19-20).

Sob este aspecto, propor uma reflexão sobre os possíveis meios de se ofertar qualidade de leitura aos alunos é abrir espaço para formas alternativas no ensino da Língua e Literatura e, extensivamente, formas de estímulo à leitura. No entanto, se o fundamento maior do estímulo à leitura é o de garantir o letramento no processo educativo, o que diferencia de se gerar a prática da leitura superficial e inexpressiva, é preciso deter-se sobre a questão do entendimento universal que a leitura deve provocar: o quê, o porquê e o para quê se leu.

Pensando, pois, nessa ligação entre leitura e interpretação, chega-se ao questionamento sobre possíveis formas de “praticar” a capacidade de interpretar textos e, juntamente, ampliar visões sobre o mundo e a sociedade, sobre os quais as ideias, valores e conceitos vigentes compõem, em grande parte, a essência das obras literárias. Assim, no letramento, entende-se a necessidade de um confronto entre pontos de vista e interpretação decorrentes de vários textos, como forma de construções alternadas de conhecimentos, que resultam num processo de interpretação para leitura, e leitura para compreensão. Percebe-se, diante disso, a forte presença da intertextualidade como meio de formação crítica da leitura.

Esta sobreposição de leituras de textos diversos que dialogam entre si, num esquema de intertextualidade, revela-se como elemento didático na proporção em que tais textos consolidam diferentes visões sobre o assunto e o leitor possa tirar suas próprias conclusões. É assim que se chega à concepção do cinema como recurso didático, pois a narrativa fílmica, investida da condição de texto, como espaço de criação, promove naturalmente um diálogo entre seu discurso e outras ideias veiculadas por tantos outros textos que circulam socialmente.

2.2 Cinema e Educação

O cinema, em sua extensão artística, possibilita o contato do indivíduo com uma realidade transformada pelo poder da ficção e incrementada por valores e conceitos estabelecidos na sociedade que, de uma forma ou outra, interferem na vida do homem e no modo como este entende sua função social.

O texto cinematográfico percorre vários trajetos na percepção humana: é um meio de informação, de sensibilização e de opinião relativo a vários conceitos com os quais lidamos frequentemente e que despertam diferentes formas de visão e posturas. Como meio de informação promove o contato entre o senso comum e o novo, o inusitado, o inesperado; já como meio de sensibilização toca na emoção de conhecer e desvendar essa “nova visão” pela sedução e envolvimento da trama; e, como meio de opinião, tece reflexões e impulsiona a capacidade do homem em adquirir pontos de vista sobre diferentes assuntos.

Outra característica do cinema, que fala muito próximo à questão da compreensão, é o seu fácil diálogo com as pessoas, em especial os adolescentes. Reproduzindo a realidade com o recurso da imagem, da fala direta, dos detalhes

evidenciados pela proximidade das câmeras, os filmes conseguem fazer os jovens internalizarem situações que envolvam ideias, valores e conceitos que, de outra forma, seriam mais difíceis de assimilar. Duarte (2002) estreita as relações entre cinema e educação ao considerá-los formas de socialização dos indivíduos e instâncias culturais que produzem saberes, identidades, visões de mundo, subjetividades.

Considerar, portanto, o cinema como uma forma peculiar de arte que aproxima a sua particularidade de fácil comunicação com os jovens à possibilidade de uma identificação destes com o universo imaginário de personagens, enredos, dramas, temas, metáforas, enfim, oferece as possibilidades de uma leitura de mundo que se revela como fonte de aprendizagem, descobertas e compreensões, ou seja, possibilita a prática do letramento.

2.2.1 Particularidades da narrativa fílmica

Em 1985 estreava nas telas um filme que, pode-se dizer, traduz muito bem o espaço decisivo que o cinema conquistou na vida das pessoas. Este filme mostrava numa das cenas mais antológicas do cinema a personagem Cecília, após ser demitida de seu emprego de garçoneiro, numa sala de cinema assistindo pela quinta vez ao mesmo filme. Ao mesmo tempo em que se emocionava com a história e continha as lágrimas, pensava em sua vida medíocre ao lado do marido alcoólatra, desempregado e violento. A ilusão apreendida da tela passava a ser a força que renovava sua capacidade de viver. Alguém assim tão desacreditada seria capaz de mergulhar profundamente nas ilusões de forma que toda ordem natural fosse revolvida. E, nesse alheamento à realidade, ela percebe que Tom Baxter, o galante personagem, alvo de suas atenções, se desprende da ficção e invade, literalmente, o seu espaço real: sai da tela, da ilusão, e surge real, humano, convidando-a para viver uma história totalmente nova.

O filme em questão é um grande sucesso de bilheteria da época: **A rosa púrpura do Cairo**, dirigido por Woody Allen e, apesar de se estender na história do cinema como requisito aos bons cinéfilos, contextualiza-se muito bem em termos de reflexões e considerações sobre a mulher. É que, embora ficção, muitas realidades podem ser suscitadas a partir dele, ao representar a história de muitas mulheres que, ainda hoje, depois de tantas conquistas, provam o ranço da inferiorização

histórica da mulher, ou que ainda que não conseguem se libertar do estigma de estar sempre à sombra masculina.

São essas características capazes de reconstruir fatos e comportamentos humanos que fazem do cinema um instrumento tão poderoso de comunicação e arte. Contando a história de uma deprimida dona de casa da década de 30, o diretor Woody Allen pôde tocar em duas feridas sociais: a opressão sofrida pela mulher, e a forma sutil, própria de sua natureza, com que ela, em todos os momentos da história, contorna seus desencantos: pelo sonho, pela ilusão, pela sensibilidade e imaginação, o que ataca de frente, embora com muita delicadeza, a sociedade tão prática e machista de todas as épocas.

O mérito do cinema nesse aspecto é o de construir o perfil da mulher desacreditada focando, pela força da imagem, o encantamento feminino diante da figura ideal masculina, que é algo que só se cativa pelo olhar. Do olhar ao pensamento, o cinema se constitui como meio fortíssimo de visão e contemplação do ser humano em suas eternas buscas: a compreensão sobre si e sobre tudo o mais que lhe rodeia. Não há como ver um filme desses e não pensar a respeito, não extrair dele alguma cena ou intenção que aguça nossos sentidos a um juízo.

O cinema cria heróis e heroínas, monstros e bruxas, guerreiros e guerreiras, vilões e vilãs, personagens inesquecíveis, verdadeiros ídolos de nossa imaginação. Também narra grandes sagas, epopeias, comédias, tragédias, dramas. É capaz de fazer rir ou chorar, amar ou odiar, crer ou repudiar, deixando-nos assimilar a sua fantasia como se fossem nossas próprias vivências.

Retomando o filme, é interessante comparar alguns pontos curiosos entre a história narrada e a própria essência do cinema como mediador de dois mundos: o ideal e o real. No filme, a personagem feminina só tem uma distração: ir ao cinema todos os dias, assistir ao mesmo filme, repetindo diariamente a única emoção de seus dias. Admira tanto as cenas, as falas, deposita tanto de si no clima de encantamento do filme, a ponto de o galã sair, literalmente, da tela, destituir-se de sua natureza fictícia e ir ao seu encontro para resgatá-la de sua vida medíocre. Um exemplo de alienação necessária pela personagem que precisava sonhar para que não fosse esmagada pela vida sem perspectiva, da mesma forma com que alimentamos nossas ilusões para exorcizar nossas frustrações reais.

Fantasia e realidade: essa é a fórmula de que não só o filme **A rosa púrpura do Cairo** brilhantemente utiliza, mas o cinema de uma forma geral, para

encantar e entreter. Assim como Cecília, também precisamos de sonhos e imaginação para suportarmos a carga real de nossos problemas. Partindo dessa particularidade observada no filme de Woody Allen, pode-se estender o sentido de que o cinema é uma possibilidade de recriação do mundo, cujas alegorias expõem os grandes dramas que a humanidade vive: guerra e paz, poder e amor, preconceitos e superação, misticismo e realidade.

Duarte vai além ao afirmar que o cinema, a princípio unicamente percebido como registro do “real”, acabou por incorporar-se de um novo significado devido à sua própria linguagem, que é a de “criar uma ilusão de realidade que é propriamente a possibilidade de criar outros mundos, de inventar costumes, ficções e tradições” (2002, p.3). Isto porque, desde sua invenção, proporcionou paralelamente à sua função de entretenimento, um substrato cultural que equilibra ficção e realidade. Ao mesmo tempo em que o espectador assiste a tudo num clima de ficção, de invenção, reconhece-se em posturas, trajetórias, falas e costumes observados em alguma cena do filme, como um espelho de sua própria vida. Além do mais, o filme é uma visão particular do roteirista e do diretor, que interpretaram de uma forma própria, a trama que criaram. Do mesmo modo, trabalharam a partir de uma ótica sobre o assunto que, produto pronto e acabado, suscita no espectador nem sempre o mesmo olhar de seus idealizadores, o que enriquece, do ponto de vista crítico, essa relação entre a obra fílmica e o espectador. Exemplos interessantes seriam o de pensarmos como os filmes que exploram o tema das navegações são relatos e formas próprias de o europeu contar a sua versão sobre a colonização dos povos indígenas. No entanto, se o ponto de vista da produção cinematográfica fosse dos índios, como seria retratada essa conquista?

Trevisan discute, a propósito, que o “potencial artístico de um bom filme reside na possibilidade de a linguagem criada estabelecer com o espectador um nível profundo de comunicação intelectual, filosófica, psicológica, emocional” (1998, p.86), o que reforça o caráter educativo do cinema. Sobre isso, a autora observa com propriedade, ao considerar que:

é preciso, portanto, nos colocarmos o desafio de darmos uma maior atenção à Arte na Educação, como forma inquestionável de possibilitar ao ser humano a construção de uma identidade humana autêntica. A literatura e o cinema são fontes inesgotáveis de abordagens profundas da vida [...] (e os filmes) são reveladores da interação e completude destas duas artes possibilitadoras da

veiculação do poético e do humano na escola. (TREVISAN, 1998, p.96)

2.3 Currículo e Cinema: Integração de Linguagens

O cinema é a arte que se destaca pela força da imagem em movimento que recria, o mais fielmente possível, a realidade. Sendo a imagem, hoje, um dos elementos mais importantes de comunicação, é inegável que a tecnologia provoque alterações nas formas de pensamento e de expressão.

Duarte lembra que “a imagem em movimento tem relação com aquilo que somos, com nossas identidades, o que nos remete a uma reflexão sobre a importância da linguagem audiovisual em nossa sociedade” (2002, p.2). Ademais, há que se considerar a importância da leitura imagética num mundo liderado pela cultura e comunicação de massa, visto que nos espaços sociais circulam constantemente construções e reconstruções de significados a partir de uma dada imagem em evidência, cuja apreensão ocorre e se estende ao longo de um processo de interpretação textual. Como exemplo, recorreremos a Averbuck que na década de 1980, ao tratar sobre cultura de massa, já nos levava a pensar que “interpretar as relações que essas (as imagens) formas de arte estabelecem entre si significa, também, pensar a sociedade como um todo” (1984, p.7).

Visto sob esta ótica, o cinema reveste-se da qualidade de texto ao articular significados enquanto retrata e aborda as implicadas relações do homem com o mundo. Isso significa a compreensão crítica da realidade; significa também conhecimento. Em se tratando de conhecimento, no sentido mais amplo de seu significado, exige-se, por conseguinte, que se tenham algumas considerações a respeito do currículo, que constitui o cerne dos recursos organizacionais de aplicação sistematizada do conhecimento no universo escolar.

O currículo, aliás, gera bons círculos de debates a respeito de sua gênese e de sua finalidade, tamanha é a sua diversidade de princípios. Porém, refletir sobre o currículo escolar é, em qualquer tese, tecer considerações essenciais sobre o ato de ensinar. Afinal, ele diz respeito à seleção, sequência e dosagem de conteúdos da cultura a serem desenvolvidos em situações de ensino-aprendizagem.

É importante registrar que as **Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná** (2008), tendo como finalidade a dimensão dialógica da linguagem, a partir

do que experiências reais de uso da língua devem atingir o sentido pleno de comunicação, preconizam a integração da linguagem verbal com outras linguagens, suscitando o multiletramento e o domínio do conhecimento científico.

Como componente curricular, o cinema, então, assume nas **DCE** duas extensões: midiática e cultural. Na disciplina de Língua Portuguesa elas direcionam-se à prática do discurso aliadas a outros recursos na construção da identidade social do indivíduo.

2.3.1 Cinema como mídia

A mídia, entendida como o conjunto de veículos e linguagens para a realização da comunicação humana, consubstancia-se, de certa forma, na modernidade do ensino ou, por assim entender, nos meios tecnológicos disponíveis para a educação na atualidade. O cinema, nessa acepção, é um recurso advindo da integração tecnológica ao espaço escolar e representa magistralmente o poder da imagem como meio educativo. Constitui um artefato que reúne em si as características de visualização e narração capazes de informar, sensibilizar, aguçar os sentidos para o entendimento de situações que, sem o impacto do aspecto visual em movimento, não causaria a mesma significação.

O universo da mídia revela o seu perfil educativo ao disponibilizar-se como recurso pedagógico e desfolhar, como meio de comunicação convencional fora do ambiente escolar, múltiplas alternativas de enriquecer o conhecimento gerado a partir dos livros. Sob este aspecto, é preciso considerar, como propõe Silva (2003, p.36), “a necessidade de pensarmos na formação de um leitor eclético, cuja maturidade vai se formando no acesso e na convivência com os diferentes veículos e configurações de linguagens [...]”, os quais contêm criticamente as informações que circulam na sociedade.

Nestes mesmos termos, o autor considera:

a maturidade e a criticidade do leitor deve fazê-lo ver que dentro do mundo da palavra, dentro do universo dos discursos que se cruzam ininterruptamente, existem mentiras, simulacros, fraudes, falsidades, além, é claro, de relações verbais que fazem justiça aos fatos da realidade. Daí dizermos que um dos objetivos principais de uma educação voltada para uma leitura das mídias – e daquilo que corre por elas – seja o discernimento, quer dizer, a capacidade de separar a verdade da mentira, de distinguir o certo do errado, de

discriminar fatos de opiniões, enfrentar juizadamente o bem e o mal e assim por diante. (SILVA, 2003, p.36)

Assim sendo, a educação para a leitura exige sempre um redirecionamento entre sua finalidade e seus efeitos, a partir dos quais se pode selecionar e discriminar aquilo que é relevante para a vida, o que envolve questões de ordem crítica, por isso, dignas de serem inclusas no currículo.

Observando, portanto, a singularidade da mídia em entrelaçar forma e conteúdo nos significados que os alunos buscam nos temas, justificam-se as perspectivas do cinema como mídia e qual a sua importância em ser contemplada no currículo.

2.3.2 Cinema como cultura

A cultura, sendo o próprio desenvolvimento intelectual adquirido, é um meio fertilíssimo de inculcar conhecimentos por via do senso crítico. Ela representa uma multiplicidade e uma complexidade tão grande de informações que, ainda que destituída de qualquer cunho pedagógico, orienta análises sobre relações de poder, identidade, subjetividades e convivência, o que se percebe fundamental na constituição do letramento.

Pensar, pois, a cultura como princípio contido no currículo é preservar e garantir não só propostas de discussões sobre a identidade étnica, religiosa, política, científica, ética, moral, que constituem a tradição como patrimônio de uma nação, mas, também, pela própria investigação intercultural, o questionamento dos valores impressos por essa cultura e os novos olhares que promovam o progresso e o revigoramento destes princípios.

A cultura esclarece muito sobre o que somos, como pensamos e para que agimos, posturas que evidenciam claramente formas pessoais de agir e de pensar. Intervir nessas formas de pensamento é também um meio de se educar para uma leitura crítica da realidade.

Em sua acepção cultural, o cinema auxilia no campo de atividade da Língua ao ser um poderoso meio para reflexão e crítica. A percepção do filme, por si só, já é suficiente para despertar a sensibilidade de abstração do senso crítico, afinal, as imagens compactuam com ações, posturas, costumes que evidenciam

uma determinada condição cultural, envolvendo conceitos, ideias, valores morais, perspectivas. Em vista disso, Souza, ao tecer análises sobre os aspectos pedagógicos do texto cinematográfico, evidencia que “o cinema é, inegavelmente, uma realização humana dotada da inclinação de lidar com a cultura em amplo sentido, seja no seu registro, na sua preservação, na sua reprodução, na sua reflexão e crítica” (2005, p. 32).

O fato é que a ação da narrativa fílmica, no despertar da cultura, imprime aos olhos do espectador, ou do aluno, o horizonte de sua condição cultural, no qual suas heranças recebidas através das gerações passadas na sociedade em que vive, falam de experiências vividas e compartilhadas que exprimem claramente suas raízes. Em consonância, o currículo escolar, ao contemplar os elementos culturais nos conteúdos de conhecimento científico, resgata a apropriação dos princípios que constituem sua hegemonia e oportuniza a reflexão desta com a evolução da sociedade e, portanto, do pensamento coletivo e globalizado, que supõe uma cultura aberta a novas mentalidades.

Retornando à análise entre cinema e currículo, percebe-se que as produções cinematográficas são dotadas de uma particularidade que, seja na condição de mídia ou de cultura, permite o registro de ideias e de visões de mundo, as quais, criando vínculos entre imagens e pensamentos, seduzem o espectador para ler, refletir, atribuir significados, trocar informações e experiências. Mas, como essas extensões – cultura e mídia – configuram elementos de ensino e compreensão *da Língua*? Em que situações o filme é capaz de ser considerado um meio de aprendizagem para o uso da *Língua*?

Analisando-se a finalidade do cinema como elemento curricular presente nas **DCE** surge a questão de confronto entre os princípios curriculares e os propósitos que uma educação pautada na utilização de filmes pode suscitar. Pensando em *Língua Portuguesa*, os elementos curriculares repousam sobre conteúdos que produzam conhecimento de oralidade, leitura, escrita e análise linguística. Porém, os objetivos destes estendem-se a “promover o amadurecimento do domínio discursivo [...] para que os estudantes compreendam e possam interferir nas relações de poder com seus próprios pontos de vista”. (**DCE**, 2008, p. 64).

Dessa forma, o currículo é, sem dúvida, um espaço aberto e democrático de possibilidades para levar o ensino de forma ampla e expressiva, com garantias de aprendizagem a todos. Tal pensamento equivale a concluir, somado às ideias

presentes no texto das **DCE**, que ensinar Língua Portuguesa “significa a compreensão crítica, pelos alunos, das cristalizações de verdade na língua [...] dado os discursos que emanam dos locais de poder político, econômico ou acadêmico” (p. 65), possibilitando compreensões sobre o poder configurado pelas diferentes práticas discursivo-sociais das relações humanas.

Segundo as **DCE**, é importante ao educador conceber que:

[...] o aprimoramento lingüístico possibilitará ao aluno a leitura dos textos que circulam socialmente, identificando neles o não dito, o pressuposto, instrumentalizando-o para assumir-se como sujeito cuja palavra manifesta, no contexto de seu momento histórico e as interações aí realizadas, autonomia e singularidade discursiva. (2008, p. 65).

Retomando assim uma das finalidades de sistematização curricular do ensino de Língua Portuguesa – o multiletramento – estabelece-se o conceito de ensino da Língua a que se pretende chegar: a integração da linguagem verbal com outras linguagens quer sejam cinema, artes visuais, música, fotografia, rádio, televisão, publicidade, charge e todas as formas infográficas que compreendam práticas sociais discursivas e especifiquem um meio de significado entre o ato humano e os limites formais de sua comunicação social.

Nesse sentido, a prática pedagógica decorrente dessa concepção curricular concebe educação que envolve o aluno, o professor, as tecnologias disponíveis e todo o conhecimento científico que se depreenda dessa relação de reflexão, descoberta e articulação de leituras, pois pensar a utilização do texto fílmico no currículo escolar significa pensá-lo a partir da função social da escola no mundo contemporâneo.

Napolitano amplia a abrangência dos objetivos do cinema na educação ao concluir que:

os filmes podem ser abordados conforme os temas e conteúdos curriculares das diversas disciplinas que formam as grades do ensino fundamental e médio [...] exercitando seu olhar sobre uma das atividades culturais mais importantes do mundo contemporâneo, o cinema, e conseqüentemente tornar-se um consumidor de cultura mais crítico e exigente. (2006, pp.18-19)

2.4 Leitura: Considerações sobre o Ato de Ler

Larroza, em suas considerações sobre *Leitura, emoção e prazer*, registra que “é através do ato de ler que o homem se comunica com o mundo, vivencia situações e estimula suas emoções”, e, por isso, pode conduzir a uma realização pessoal (2001, p.25). Realmente, o ato de ler abre as portas da imaginação para voos longínquos nos quais nossa mente pode repousar sobre maravilhosas fantasias que preenchem os espaços da inconstância humana com emoção e perspectivas. Quem lê pode enxergar além da superficialidade das coisas e isso faz toda a diferença na vida de alguém. Portanto, ler é um ato de interação entre o leitor e o texto na medida em que se compreende o sentido que está por trás de sua organização.

Bordini e Aguiar, discorrendo sobre a teoria da estética da recepção, consideram a leitura constituída “de espaços vazios a serem preenchidos pelo leitor” e que geram “confronto entre o texto e suas diversas realizações na leitura e explicam-se estas recorrendo-se às expectativas dos diferentes leitores ou grupos de leitores em sociedades históricas definidas” (1988, p.31).

É nessa interação estabelecida entre leitor e texto que se tecem as primeiras reflexões sobre a leitura, as quais complementadas pelo exercício constante da interpretação, resultam no seu entendimento. O entendimento, por sua vez, gera uma conclusão de leitura, uma abstração que se apresenta na forma de um senso crítico. Por mais imparcial que seja uma leitura, sempre há em seu teor certo contexto passível de interpretação e de um reflexo crítico. Esse reflexo crítico exige, no entanto, uma noção de transformação sociocultural, em vista de que a aquisição de uma postura crítica pode revelar conclusões divergentes daquelas postuladas pela sociedade.

Sobre isso, Venturelli observa que “quem lê, pensa; porém, pensa não de acordo com o que se espera, pois adquire modo próprio e não aceita a vivência e a interpretação oficiais de tudo” (1990, p.265). Essa hipótese revela a intensidade de poder da leitura crítica no crescimento da atitude humana aberta e desafiadora.

O ato de ler também se configura como essência da instrumentalização da Língua, pois é a partir dele que se desencadeiam todas as interações sociais e as possibilidades de discurso. Assim, é inevitável considerar algumas questões referentes a esse processo, os quais, de forma interligada, constituem procedimentos autênticos de leitura crítica e formativa. São elas: a interpretação de texto e a intertextualidade.

2.4.1 Interpretatividade

Cosson afirma que “segundo a visão do letramento, a interpretação é uma etapa do processo de leitura responsável pela comunicação existente entre a leitura em si, e o contexto. Portanto, é através da interpretação que a leitura se efetiva como letramento, e não mais apenas como decifração” (2006, p.40). Em outras palavras, não há como pensar em processo de letramento sem constatar a importância das possibilidades interpretativas de um texto, seja ele qual for o gênero. A interpretação de texto é bem mais que uma prática no ensino de Língua Portuguesa. É uma tarefa permanente que se enriquece com novas possibilidades de entendimento, o que reforça a ideia de que a leitura não se restringe à vida escolar; ao contrário, desenvolve-se ao longo de toda a escolaridade e de toda a vida.

Há autores que falam em *repertório de leituras* ao se referirem ao objetivo final de interação e interpretação decorrentes dos textos. Isso nos revela que um texto pode suscitar mais de uma interpretação e, por isso, mais de uma leitura. Marchi propõe uma reflexão no sentido de que uma obra literária disponibiliza uma contribuição para compreender a sociedade, mas que, para isso, é necessária uma mediação, sendo que o cerne desse pensamento é:

pensar a relação de leitura não mais como revelação, mas como interpretação, o que supõe um texto – o meu texto – articulado com outro – o do outro. A leitura só é possível se o leitor reconstituir o texto a partir das próprias experiências, tornado o romance significativo. O preenchimento dos vazios existentes, tal como Iser (1996) desenvolve na *estética da recepção*, é tarefa do leitor [...]. (MARCHI, 2004, p.164)

Segundo a autora, “a questão da leitura se coloca, então, na confluência das interpretações” (2004, p.164) e supõe um caráter de intertextualidade, a considerar que uma leitura possibilita a abertura de muitas outras, dependendo da sua interpretação. Este encadeamento entre leitura e interpretação gera necessidades recorrentes, isto é, a partir de uma leitura tem-se a necessidade de interpretação, o que suscita novas leituras no sentido de complementar sua extensão interpretativa. Por isso, a prática da interpretação textual é de suma importância para preparar o terreno da leitura.

Em outras palavras, busca-se a leitura pautada no desvendamento e na interpretação contínua do assunto explorado, mesmo que o livro já tenha se fechado e a história terminada. É a forma de o assunto continuar a fazer sentido em outras leituras que o indivíduo vier a fazer futuramente. Assim, o leitor que tiver, diante de uma leitura sobre o mundo das drogas, uma prévia interpretação desse assunto obtida por outro texto que lhe sensibilizou ao mostrar o envolvimento de drogados, terá uma leitura muito mais ampla e profunda e, a partir disso, um entendimento mais apurado.

2.4.2 Intertextualidade entre narrativa fílmica e gêneros

A intertextualidade, que ocorre na possibilidade de “diálogo” entre textos distintos, porém relacionados na temática, promove expressivamente a ampliação de significados perceptíveis na leitura. Isso acontece porque a leitura intertextual permite interpretações que se reafirmam, que se opõem e até se excluem, por isso tem duas finalidades diferentes: aproximar sentidos parecidos entre os textos ou contestar alguns desses sentidos para polemizá-los.

Nesse aspecto, a hipótese interpretativa é a chave para a leitura intertextual, pois o cerne da intertextualidade é a capacidade de apreender, de maneira mais completa, o sentido de cada texto tanto em suas especificidades quanto na totalidade de suas significações. A percepção das relações intertextuais, das referências de um texto a outro depende, em muito, do repertório do leitor, de seus conhecimentos prévios e da capacidade de apreensão do diálogo que os textos travam entre si.

Essa abordagem viabiliza a leitura entre textos de vários níveis, em que o mais superficial seja complementado com o mais profundo, e neste se estabeleçam os polos de interpretação contrastiva. O trabalho com a leitura nesta perspectiva tem uma particularidade muito significativa: proporciona o contato com uma diversidade de textos bastante interessante, entre variados gêneros que se relacionam pela temática. A intertextualidade se efetiva numa sintonia entre as complexidades de cada texto que, complementando-se ou gerando visões divergentes, resulta na apreensão de um universo cultural plural.

Novamente, retorna-se aqui à possibilidade de utilizar o cinema como recurso que potencializa a interpretação textual, uma vez que a narrativa fílmica

estabelece muitas formas de leitura e interpretação quando relacionadas a outros gêneros textuais. Trevisan tece algumas considerações a respeito da “importância da exploração em sala de aula, da natureza intertextual do texto fílmico.” Ao expor que, assim como o texto literário, também o texto fílmico é construído pelo processo dialogante com outros textos, a autora complementa suas ideias de que “é possível, portanto, em sala de aula, recuperarmos o diálogo de um filme em análise com outros filmes e também com textos estranhos ao universo cinematográfico” (1998, p.91).

Essa relação intertextual se deve, talvez, ao fato de a imagem ser o ancestral da palavra e, assim, explicar a sua faculdade de articular pensamentos, ideias, interpretações. É que a imagem, sendo produto da criatividade humana, da mesma forma que a palavra, tem em grau semelhante o poder de seduzir, emocionar e persuadir.

Assim, o texto imagético presente nos filmes tem a qualidade de ensinar a ver e a perceber criticamente, observar a intenção e dela abstrair pensamentos que se correlacionam entre o fato e sua percepção individual, possibilitando neste sentido uma forma de identificação pessoal, um estreitamento de significações no imaginário do espectador, da mesma forma como ocorre entre leitores mais maduros e os livros.

Complementando esta idéia, Trevisan observa que “a temática de alguns filmes cruza-se adequadamente com muitos outros textos artísticos de afirmação social da identidade humana” (1998, p. 91), o que, em síntese, ela registra:

diferentes títulos confrontados sob a ótica relativista de uma prática de leitura intertextual poderão atestar a possibilidade de atualização das equivalências textuais confirmadoras do texto como uma estrutura comunicacional ampla, capaz de sintonizar o receptor com o universo cultural [...] (1998, p. 91)

Um filme pode, após assistido, interpretado e debatido, ser contextualizado com a leitura de outros gêneros que venham definitivamente, através do poder sentencial da palavra, incutir um novo pensamento que amplie os horizontes de conhecimento do leitor. Tal ampliação de horizontes repercute num entendimento para além do texto lido: estende-se a toda e qualquer leitura que se faça a partir dele.

2.5 Texto Cinematográfico: Recurso Potencializador da Interpretação Textual

Partindo-se do pressuposto Freiriano de que “[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (1992, p.20), tem-se a tessitura da relação a que este estudo pretende atingir: a leitura da palavra (gêneros textuais) potencializada pela leitura de mundo (aspecto cultural presente no texto cinematográfico) numa relação de interpretatividade, expressividade e complementação de seus universos singulares.

A narrativa fílmica veiculada pelo cinema equipara-se, de certo modo, à linguagem literária, na medida em que repousa sobre uma história, com personagens e situações aproximadas do mundo real. Por isso, é capaz de passar como uma leitura pelos olhos do espectador, “pondo em questão as verdades sociais adquiridas, convidando-o a uma nova visão do mundo” (TREVISAN, 1998, p. 86).

Muitos são os filmes que podem causar no espectador sentimentos extremos que o levam a chorar, revoltar-se, devido à carga intencional e a combinação estética de argumentos, palavras, gestos, movimentos, sons, na totalidade significativa do filme que, interpretadas, revelam modos de encarar a vida real. Os filmes são, nesta medida, textos que, pela sedução da imagem em movimento, conseguem planificar uma determinada situação como verdadeira narrativa, com desdobramentos de pontos de vista pela ação dos personagens, pelo enredo que segue uma trajetória até o seu desfecho e pelos recursos de catarse provenientes de suspense ou de emoção.

É inegável, pois, a concepção de cinema como recurso didático nas aulas de Língua Portuguesa quando se aproxima os filmes da possibilidade de entendê-los como leitura, ou melhor, como prenúncio de leitura. Afinal, o cinema, em sua totalidade, constitui um universo de informações em que conceitos sociais, valorativos, familiares, visão política e aspectos culturais são fortemente explorados. Tais circunstâncias da narrativa fílmica concorrem para redimensionar a extensão do alcance da leitura, enquanto interpretação e entendimento, dos demais gêneros textuais que se almeja focar.

Em termos práticos, Napolitano enfatiza que:

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. (2006, p.12)

Um filme pode potencializar a interpretação de textos porque, através de imagens polissêmicas e metafóricas, assim como o envolvimento emotivo das tramas, amplia a visão de mundo e, por meio desta ampliação contexto-cultural, dinamizam-se as contingências externas, representadas pelos conhecimentos, pelos focos de atenção e todas as demais condições extratextuais que agem, durante o processo de leitura, na interpretação de seus vários sentidos.

Evidentemente o filme se torna um recurso potencializador para despertar a percepção de mundo, pois o cinema, com seu aparato tecnológico apropriado para narrar histórias, documentar, sensibilizar e emocionar constitui uma nova maneira de olhar para o mundo e, com isso, estabeleceu uma forma peculiar de inteligibilidade e conhecimento, viabilizando o desenvolvimento de uma visão emotiva e sensibilizada da realidade, o que em muito se assemelha ao processo interpretativo dos textos.

Além disso, o filme é sempre uma obra aberta, não se restringindo a uma única interpretação. Ele permite o diálogo entre o indivíduo e suas próprias considerações e a assimilação de um conhecimento que vai além da imagem projetada. Por isso amplia visões, sugere hipóteses, desperta o senso crítico, assumindo, portanto, um caráter referencial e acessório quanto à prática da leitura e interpretação textual.

A observância dessa potencialidade desperta, porém, o questionamento sobre as formas de aplicação do recurso cinematográfico na prática docente, bem como a extensão que os filmes podem alcançar na educação. Nesse sentido, faz-se necessário abrir um espaço para algumas considerações metodológicas que o uso de filmes requer para se efetivarem como meio de aprendizagem.

2.6 Uso do Texto Cinematográfico nas Aulas de Língua Portuguesa: Considerações Essenciais

Ao considerar o filme como um recurso cuja narrativa será pretexto para discussões, análises, confronto com textos e uma produção que permitirá uma visão

de mundo mais ampla e crítica, é preciso compreender que se promoverá o valor significativo que ele tem como fator sensibilizador ou ilustrativo dos temas a serem tratados numa leitura. É possível perceber que o texto fílmico abre espaço para novas metodologias. Sobre isso, Coutinho observa que:

Cinema é a arte da vida e talvez possa se constituir em um grito que desperte professores e alunos para uma nova visão educativa, na qual os tradicionais e os modernos métodos de ensinar e aprender possam fundir-se em novas possibilidades expressivas. (2002, p.7)

Ao se propor, no entanto, uma análise sobre o trabalho pedagógico com filmes, há que se considerar a possibilidade deste recurso, a princípio um forte aliado metodológico nas aulas, ser também utilizado de forma corrompida, banalizada e vazia, ao ser relegado, em muitas práticas docentes, ao plano do mero entretenimento. Sobre isso, evidentemente, é indispensável lembrar que os recursos tecnológicos disponíveis na escola somente são didáticos quando se empregam imbuídos de significados relacionados ao conhecimento que se pretende atingir. Fora deste objetivo, nesta perspectiva, o cinema será apenas um bom momento de diversão para os alunos.

Por isso, ao se propor o filme como apoio didático, deve-se enxergá-lo como tal e, por isso, um meio de aprendizagem, passível de organização, sistematização de conteúdos e verificação avaliativa. Pensar, pois, em alternativas pedagógicas, significa pensar, ordenadamente, em um encaminhamento metodológico que respalde o trabalho do docente. Esses encaminhamentos giram em torno da organização assentada em “possibilidades técnicas e organizativas, articulação com o currículo, abordagem conforme a faixa etária e etapa de aprendizagem” (NAPOLITANO, 2006, pp.16-9).

A respeito da concepção metodológica sobre o uso do cinema em sala de aula, pode-se propor uma analogia às ideias de Bordini e Aguiar, quando estas encaminham suas considerações sobre literatura na escola, afirmando que

a tarefa de uma metodologia voltada para o ensino da literatura está em, a partir dessa realidade cheia de contradições, pensar a obra e o leitor, e com base nessa interação, propor meios de ação que coordenem esforços, solidarizem a participação nestes e considerem o principal interessado no processo: o aluno e suas necessidades enquanto leitor, numa sociedade em transformação. (1988, p.40)

Relacionando essa perspectiva com estudos textuais específicos das séries finais do Ensino Fundamental, deve-se encarar o filme como um apoio, um pretexto, uma amostra dessa realidade cheia de contradições, para confrontá-la com o estudo dos demais gêneros, pensando a obra, o mundo, o próprio entendimento sobre a realidade apreendida.

A propósito, Moran (1995) discorre sobre várias possibilidades de emprego do vídeo, sempre como propostas de motivação, sensibilização e ilustração, destinadas a interferir e provocar discussões, questionamentos, senso crítico. Sob este aspecto, o filme é uma experiência sensorial com o outro, o mundo e o próprio eu. Já Napolitano aborda as circunstâncias do uso do filme em sala de aula lembrando que, na prática inerente à exibição de filmes, é preciso observar que:

o importante é conhecer os limites e as possibilidades técnicas antes mesmo de planejar suas atividades didático-pedagógicas com o cinema. A displicência do professor em relação a esses pontos, aparentemente banais, pode inviabilizar ou prejudicar o uso do cinema na sala de aula. (2006, p.18)

As duas concepções chamam a atenção do professor para o propósito a que o filme se destina, pois sendo instrumento didático exige análise e estudo, preparo e visão. Antes de levá-lo para a sala de aula, tudo em relação a sua exibição e abordagem deve estar previsto e encaminhado. Ou seja, o filme não pode ser utilizado com improviso. Além disso, o cinema é uma forma de contar uma história em que o espectador não tem o desgaste de imaginar as cenas, as personagens. No entanto, a trama que se desenrola no decorrer do filme deixa, muitas vezes, espaços abertos para que o espectador permita a imaginação fluir para além da narrativa. É aí que a análise e a visão do professor devem se concentrar para conduzir o pensamento e as conclusões do aluno sobre a leitura fílmica, pois é nesse momento em que os interesses individuais de leitura, ou melhor, questões históricas, sociais ou culturais que possivelmente construam significados para o entendimento de futuras leituras, podem aparecer, e devem ser devidamente exploradas para que a potencialidade do filme como recurso didático faça sentido e se promova como agente propulsor de conhecimento. Trata-se de prever o trabalho para poder visualizar os resultados, e, caso necessário, fazer mudanças durante o percurso para que realmente se atinja os objetivos iniciais. Daí a importância de planejar.

2.6.1 A importância de planejar

O ato de planejar nos revela o êxito do trabalho com filmes. Embora seja instigante levar filmes para a sala de aula, é preciso ter claramente a ideia de que isso deve ser uma atividade pensada e delineada pelas seguintes etapas: planejamento das ações; visão dos objetivos; mediação entre a narrativa fílmica e as ideias a serem despertadas; condução no processo de sensibilização; interação entre a transposição temática das ideias do filme para outro texto; e acompanhamento crítico e avaliativo do processo.

O plano de aula, ou plano de trabalho docente, é uma antevisão que o professor deve ter sobre o filme a ser projetado, sobre a finalidade de sua narrativa e a abordagem temática, sobre as etapas de execução, desde a escolha do filme até a seleção de textos que serão confrontados e levados à interpretação textual, incluindo uma forma de produção ou expressão crítica. Também considera todo o acompanhamento avaliativo do processo, além de estimar como deverá ser a mediação do professor, realizada antes, durante e depois da exibição.

Nessa aventura, o professor também é desafiado a assumir uma postura de aprendiz ativo, crítico e criativo, articulador do ensino com a pesquisa, constante investigador sobre o aluno, sobre seu nível de desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, sobre sua forma de linguagem, expectativas e necessidades, sobre seu contexto e sua cultura. Além disso, é importante que a postura do professor quanto aos filmes seja de mediador, através da sensibilização ao tema, provocação de questionamentos, reflexão sobre a ideia presente, senso crítico, leitura e percepção de outras ideias que se correlacionem aos demais gêneros e compreensão de uma realidade a partir da observação de certos valores, costumes, modos de ser e viver.

O olhar do professor deve, neste sentido, vislumbrar os limites do uso do filme em suas aulas. Se, para o aluno, um filme é uma forma de descanso ou lazer e não aula, para o professor esse recurso deve ser, em termos muito precisos, mesmo nas situações em que o filme soe como entretenimento (exemplificando os casos das séries menos avançadas em que as histórias têm enredos divertidos, muitos deles através de desenhos animados), um pretexto para que os alunos sejam apresentados a uma situação temática, investigativa, contemplativa, de discussão social e senso crítico para novas leituras.

2.6.2 Intertextualidade entre texto fílmico e gêneros: experiência em sala de aula em quatro etapas

Diante da sedutora perspectiva de levar o cinema para a sala de aula, despertam-se as várias possibilidades temáticas de filmes a serem explorados tomando por base sua visão de mundo e proposição de ideias.

A partir do Projeto de Intervenção Pedagógica desenvolvido para o Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE, turma 2008, as ideias sobre intertextualidade entre narrativa fílmica e gêneros textuais, fundamentadas em estudos bibliográficos, foram implementadas em sala de aula, campo de experiência docente, com objetivo de verificar, em termos práticos, a potencialidade dos filmes como recurso para interpretação textual.

Os alunos contemplados com a experiência do projeto são de uma sétima série do ensino fundamental que tiveram, ao longo do trabalho desenvolvido em dois meses, oportunidades também de refletirem sobre a linguagem de cada texto, os recursos estilísticos que promovem a intenção e as informações implícitas, reconhecendo o valor interpretativo da leitura como meio de conhecimento e senso crítico. Também puderam escrever a respeito de suas próprias considerações sobre o modo de enxergar a vida frente à questão das limitações e superação, traduzida a eles como possibilidade de reação às imposições que podem ser questionadas e combatidas.

É preciso registrar que a visão inicial sobre a potencialidade do texto fílmico reúne em si muitos títulos cinematográficos que se adequam como geradores de reflexões à realidade dos alunos, pois o trabalho com filmes é muito abrangente e não se esgota num único confronto. O importante é estabelecer uma temática norteadora que possibilite o encaminhamento coeso das atividades a serem desenvolvidas. Isto porque a adoção de uma temática tende a atingir alcances inusitados, enriquecendo em muito o trabalho intertextual e interpretativo. Neste sentido, o trabalho pode envolver desde a temática da justiça social (*Les Misérables*, 1998, articulado a trechos do texto normativo da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*), passando pela abordagem dos avanços tecnológicos e consumismo (*Tempos Modernos*, 1936, articulado ao texto poético *Ladainha*, de Cassiano Ricardo), chegando até a análise da rebeldia adolescente (*Juventude Transviada*, 1955, frente a muitas propostas textuais existentes nesta temática).

2.6.2.1 Etapa da provocação

A seleção de tema a ser abordado com a proposta intertextual-interpretativa entre filmes e gêneros deve ocorrer no âmbito da construção de uma identidade crítica que se proponha aos alunos. Aqui, especificamente, no caso da implementação do projeto na escola, muitas eram as possibilidades que falariam bem perto à realidade dos alunos e motivariam redescobertas de significados para o seu melhor convívio social. Diante, porém, da propagação do ideal humanizador e sociopolítico quanto à inclusão social dos portadores de necessidades especiais e a igualdade de condições, a escolha do tema se definiu com a palavra-chave “superação”.

O material desenvolvido foi uma produção na categoria *Folhas*, na área da leitura, a partir de uma provocação inicial - *quando um pé é capaz de ensinar que é a força de vontade e não a sorte que leva uma pessoa a superar suas expectativas?* – que encontra resposta na trama do filme “Meu pé esquerdo” (1989).

Este filme conta a trajetória de vida de um homem nascido com paralisia cerebral que, devido ao incentivo e apoio incansáveis de sua mãe, superou suas limitações físicas, aprendendo a usar o seu pé esquerdo, único de seus membros que conseguia controlar e mover precisamente.

Christy Brown nasceu na Irlanda, em meio a um bairro operário de Dublin, na década de 1930 e, filho de família paupérrima, enfrentou muitas dificuldades para conseguir que as pessoas o reconhecessem como alguém capaz. Quando criança, foi considerado pelos vizinhos e conhecidos como doente, destinado à indignância social e moral, já que não se movia e não falava. No entanto, a história de Christy estava destinada a ter um desfecho feliz, não porque nos filmes a ilusão do “final feliz” seja uma regra na arte cinematográfica, mas porque, na vida real, a mãe, o pai, os irmãos, e principalmente o próprio Christy, acreditaram que ele poderia alcançar bem mais do que a piedade das pessoas. E, acreditando nisso, o personagem aprendeu a utilizar seu pé em função de uma atividade artística que lhe rendeu dinheiro e reconhecimento, dignidade de vida para si e sua família, respeito e o direito de ser considerado capaz como qualquer outra pessoa.

Percebe-se claramente que o filme, mesmo sem qualquer pretensão educacional, carrega em si a finalidade de tocar no sentimento dos espectadores e levá-los a pensar sobre o exemplo de disciplina e superação de Christy. No entanto,

se o filme for tomado como instrumento pedagógico, tendo em vista muitos outros aspectos a serem considerados, então suas possibilidades tendem a se ampliar e atingir dimensões mais complexas, como levar a questão da superação a diversas formas de interpretação.

A partir dessa reflexão, a temática da superação foi articulada a seis gêneros textuais distintos: o texto fílmico, o texto narrativo, o texto publicitário, o texto poético, o texto informativo e o texto de opinião. Em cada um deles, a superação foi focada de uma forma, levando-se em conta as especificidades do gênero e pontos de vista sobre o assunto.

No trabalho intertextual, o que chama a atenção é que o filme, evidenciando dramas existenciais, consegue estabelecer com os outros textos um diálogo muito interessante, sob o qual as realidades distintas de cada texto promovem novos olhares sobre o tema, em cada etapa percorrida.

2.6.2.2 Etapa da Intermediação

Na primeira etapa, a apresentação do filme aos alunos atribui ao professor o papel de mediador de conhecimentos. Nesta ação, o enfoque feito pelo professor, através de pausas para comentar cenas, posturas e atitudes reveladas no filme caracteriza o ponto metodológico principal, que retoma considerações importantes sobre informações e percepções que complementam o entendimento do aluno sobre a visão global do filme. O interessante nesta etapa é a forma com que os alunos, principalmente as meninas, vivenciam a história marcada pelas dificuldades de um deficiente físico em crescer num ambiente repleto de barreiras para o seu desenvolvimento – abre-se a partir desta a oportunidade para discutir os aspectos sócio-econômicos e questões histórico-culturais, como a época, o país, a condição do deficiente físico, etc.

Também é importante frisar a ambientação que o professor deve favorecer à exibição do filme, como a iluminação diminuída, o som agradável. O acompanhamento da trama exibida também deve ter, em algumas situações, a voz do professor ao fundo, como numa daquelas cenas em que se mostra um lugar indefinido ou uma conversa entre personagens que não chamam muito a atenção do aluno, mas que terão, no decorrer da história, uma significatividade. Outras cenas comuns são aquelas em que se mostram lugares, paisagens típicas da região onde

ocorre a história, e que são elementos riquíssimos para que o aluno compreenda o ambiente que circunda a trama, numa perspectiva geográfica, histórica ou mesmo cultural. Nesses momentos, a intervenção do professor mostra ao aluno que assistir a um filme também significa estar atento a cenas menos chamativas, mas essenciais para a compreensão de sua totalidade.

Outra questão essencial é que o aluno, no decorrer do filme, possa se posicionar criticamente a respeito. Assistir a um filme é uma oportunidade para que outros filmes passem pela cabeça dos alunos: o filme de sua própria vida, ou da vida de alguém conhecido, que lhe traz uma certa experiência já vivida. Por isso, deixar o aluno livre para fazer comentários, perguntas, reflexões é uma parte tocante desse trabalho que deve ser cultivada sempre. Por outro lado, o senso crítico despertado também pode se manifestar na forma como o aluno percebeu o filme e assim ele pode ou não gostar do filme. Isso é outra questão importantíssima: acatar a opinião do jovem em sua manifestação sobre o que ele assiste, como incentivo para que ele aprenda a selecionar o que assiste na televisão, ou os filmes que escolhe na locadora, de modo a apurar suas escolhas em relação a preferir programas ou filmes de conteúdo. Em todas essas situações, está envolvido o senso crítico que leva o aluno a pensar, movido por duas forças: a razão, que lhe imprime as particularidades de seu senso racional, de conclusão; e a emoção, representada pela catarse dos vários sentimentos envolvidos nesse processo racional, e que deixa marcas na lembrança e na compreensão de que não é possível ser indiferente a essas histórias emocionantes, as quais, por sua vez, não ocorrem somente nas telas.

2.6.2.3 Etapa da Articulação com os gêneros

Diante do ideal apresentado na etapa anterior, a superação do limite físico (proposto no filme) encontra resposta no texto narrativo **As mãos que liam**, que mostra o encanto de uma criança pelo “poder” de uma deficiente visual em ler com as mãos. Da mesma forma, prepara o terreno da leitura para o texto publicitário **da Associação Pintores com a boca e os pés**, sobre os pintores portadores de deficiência física, que constituem uma releitura brasileira do personagem do filme.

Nessa etapa, as atividades propõem a participação mais direta do aluno. Leva-os a confrontarem diferentes leituras e a estabelecerem um elo entre as ideias

discutidas e fazerem distinção entre suas estruturas e finalidades, como as características e intencionalidades de cada texto.

O texto narrativo carrega em si a beleza de uma história em que a descrição detalhada da sensibilidade infantil encerra quase um tom poético, carregado de encantamento. Traduz o próprio olhar do aluno diante de uma circunstância que se alterna entre o desconhecido e o fascinante. A narrativa trava com o filme um confronto de olhar: assim como no filme a superação é focalizada em seu real esforço diário e contínuo, através das dificuldades do personagem em transpor suas limitações, no texto narrativo a superação mostra o seu lado místico, abordando a sedutora força que leva os deficientes a encontrarem meios alternativos para se comunicarem e o quanto isso comove as pessoas comuns. O texto publicitário causou nos alunos o impacto de ver, extensivamente à ficção, um artista que não usa convencionalmente as mãos para produzir sua arte. Mais ainda, dirige-se aos demais cidadãos para conscientizá-los de que seu trabalho só existe porque o amor que têm na vida não os deixa desistir de lutar. O texto, assim, tece eficientemente a formação de uma opinião totalmente voltada à ideia de que a superação da exclusão precisa ser alcançada por aqueles que estão do outro lado da problemática social da deficiência.

Com o texto poético, a temática se amplia: a superação como utopia, como sonho a ser buscado desperta os alunos para pensarem em suas próprias vidas. Ademais, os questionamentos sobre superação encontram um significado mais profundo nos poemas drummondianos **A pedra no meio do caminho** (persistência) e **Poema de sete faces** (predestinação, fatalidade).

Os textos argumentativo e informativo - **Índio com diploma não é mais índio?** e **Vestibular para índios tem inscrições abertas até dia 30** - direcionam o tema para uma realidade brasileira em que a política é a questão mais forte do que propriamente a limitação. No entanto, Christy reaparece na forma com que ele e os índios brasileiros se identificam ao lutar contra a sociedade que impõem comportamentos preconceituosos.

Já o texto poético se sobressai pela abordagem da linguagem figurada e da ambiguidade na interpretação de poemas. Expande o tema visto inicialmente no filme para outras formas de superação e isso repercute na reflexão como as frustrações e os desejos são encarados na vida real. Em relação à prática dos alunos, favorece a constante necessidade de buscar sentidos implícitos do texto

para satisfazer a compreensão sobre a leitura, da mesma forma que no convívio social estamos sempre em busca do entendimento de nossas relações, bem como das informações implícitas da fala do outro que contribuem para esse entendimento.

Na continuidade dessa etapa, o texto dissertativo - e também o informativo, de forma menos contundente - desperta, pela força argumentativa, a construção do ponto de vista e do modo de externá-lo. É quando a oralidade também se promove, pois é a forma de o aluno opinar, ouvindo sua fala e percebendo o seu impacto frente à opinião do outro. Na escrita, a argumentação gera a percepção de que entre o pensar e o escrever há algo que influi muito na forma como tecemos nossa opinião e sustentamos as ideias em que acreditamos: a interpretação.

A escrita dos alunos também foi privilegiada: as leituras poéticas suscitaram uma produção de poema em que os adolescentes puderam expor seus sentimentos em relação a sua própria vida, seu destino, a partir de um mote extraído da primeira estrofe do **Poema de sete faces**. O resultado foi entusiasta para os alunos que se dedicaram em escrever poeticamente o que pensavam sobre um anjo torto dizer-lhes que estavam predestinados a serem diferentes. Destacaram-se, curiosamente, os alunos da Sala de Recursos do Colégio, que vivenciaram, ao comporem seus poemas muito bem finalizados, uma forma de superação de suas limitações. Já o texto dissertativo possibilitou a reflexão e escrita sobre a concepção individual de superação, igualdade e diferenças, diversidade e inclusão, a partir de uma célebre frase de Platão: “Vencer a si mesmo é a maior das virtudes”. Nesta tarefa, o acompanhamento do professor foi decisivo para que os alunos pudessem organizar suas ideias a respeito. Aliás, o pensamento que prevaleceu dentre os textos produzidos é o de que a vontade de vencer deve estar sempre adiante em nossas metas, mesmo que tivermos de lutar contra uma sentença social que nos oprime a viver com o preconceito e outras adversidades que tentam nos diminuir, nos inferiorizar.

2.6.2.4 Etapa das Articulações das impressões dos alunos com suas próprias ideias

Durante todo o percurso intertextual, o trabalho permite alternar, entre as leituras, discussões que enriquecem o aluno no âmbito mental, cultural, social e até

mesmo pessoal, na medida em que os textos vão tecendo tramas cada vez mais interligadas e recorrentes.

Ao final do projeto, as sugestões de leitura propunham a continuação do processo de letramento iniciado com o filme e teve uma repercussão positiva quanto ao prolongamento desse processo, posto que foi compreendido que uma leitura nunca termina, ao contrário, se renova, a partir de outras leituras que a complementam e que a interpretação é apenas uma forma de se compreender a vida, dependendo do ponto de vista de quem escreve e também de quem lê.

Quanto a essa peculiaridade, o projeto demonstrou que os alunos são realmente muito sensíveis aos filmes e às extensões de sua interpretação. A partir daí, é possível trilhar novos trabalhos em que filmes desbravem possibilidades da inserção da leitura crítica com pequenas mudanças na rotina do estudo do texto. É interessante lembrar que, muitas vezes, trechos de filmes também ilustram situações em que a leitura seja beneficiada. Isso quer dizer que com o empenho do professor, a emotividade dos filmes, o fascínio dos alunos e a riqueza dos gêneros textuais, as aulas de Língua Portuguesa podem contemplar diversas atividades significativas destinadas à prática da leitura.

CONCLUSÃO

Ressaltando que a escola é um espaço democrático de educação onde todos têm igual acesso, é preciso lembrar que todo projeto que vise uma tomada de consciência a respeito do que seja ensinar e aprender tem grandes chances de obter êxito. No entanto, não se deve legar a responsabilidade desses supostos êxitos apenas à atuação única do professor, ou do diretor, ou do pedagogo, ou ainda do aluno. Como seres sociais, é necessário abrimos a mente para o compromisso que cabe à totalidade dos envolvidos no processo educativo.

Avaliar a credibilidade de um trabalho docente exige, primeiramente, que direitos e deveres sejam cumpridos por toda a parcela que constitui o trabalho pedagógico, inclusive a família, que respalda a continuidade do processo educativo, e o Sistema Educacional, que direciona os avanços a serem alcançados na educação. Sabemos que, neste sentido, há um caminho bastante longo a ser percorrido, com muitos ajustes e também muitas conquistas.

Nesta busca constante pelo aperfeiçoamento que cabe a nós, educadores, muitas alternativas têm-se mostrado interessantes e eficientes para podermos ofertar melhor qualidade de ensino e de aprendizagem.

Partindo dos estudos bibliográficos que sustentam a importância da formação de bons leitores, críticos e sensíveis, o trabalho desenvolvido neste espaço encontra sua finalização com a confirmação de que o texto cinematográfico é, sem dúvida, um grande aliado dos recursos didáticos dentro da sala de aula para se promover, numa prática intertextual e pautada, sobretudo, na interpretação de textos diversos, a base da formação leitora investigativa, crítica.

Sendo o cinema uma possibilidade motivadora de dois princípios – tecnológico e cultural – propostos no Currículo, conclui-se que a narrativa fílmica é uma profunda fonte de aprendizagem, quando trabalhada com método, sistematização e objetivos previamente detalhados, frente a uma avaliação que proponha diferentes visões e opiniões ajustáveis a novas realidades.

O que se conclui é que, nas devidas proporções, o cinema é um grande aliado do professor e pode representar uma grande perspectiva de abordagens relacionadas às questões de letramento e formação leitora. Afinal, desde o momento em que as luzes, as câmeras e a ação cinematográfica desencadeiam a mágica do olhar e da percepção, o cinema se desveste da qualidade de mero entretenimento e se revela um marco de possibilidades na educação, um recurso inegável para o conhecimento...

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poema das sete faces, No meio do caminho. In: (organização do autor). **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: ed. Record, 2004.

ALMEIDA, Marco Antonio de. Imagens e letras na construção do conhecimento: considerações sobre leitura, audiovisual e tecnologias da informação e comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, jan./jun., 2007.

AVERBUCK, Lúgia. **Literatura em tempos de cultura de massa**. São Paulo: Nobel, 1984.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: 7. ed. Ática, 2002.

BORDINI, Maria da Glória. AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura - A formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COUTINHO, Laura Maria. Diálogos cinema e escola. **Boletim Salto para o Futuro**, Programa TV Escola/MEC, Jun. 2002.

DUARTE, Rosália. Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação. In: KLAUS, Viviane. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: n.23, maio/ago., 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

LARROZA, Elenice Maria Jacques. **Leitura: emoção, prazer**. 2001. Dissertação. (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas: 2001.

LAURITO, Ilka B. A menina que fez a América. In: FARACO & MOURA. **Linguagem Nova – 6ª. série**. São Paulo: FTD, 1999.

MARCHI, Diana Maria. A literatura e o leitor. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo: ECA, n.2, p. 27 a 35, jan./abr., 1995.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Ezequiel T. Revalorização do livro diante das novas mídias. In: **Boletim Salto para o Futuro**, Programa TV Escola/MEC, set. 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUZA, Bruno Jorge de. **O Cinema na escola: aspectos pedagógicos do texto cinematográfico**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - UCG, Goiânia, 2005.

TERENA, Jorge. Índio com diploma não é mais índio? In: BELTRÃO & GORDILHO. **Novo Diálogo**. 7ª. Série. São Paulo: Editora Globo, ed. 2006.

TREVIZAN, Zizi. **As malhas do texto: escola, literatura, cinema**. São Paulo: Clíper Editora, 1998.

VENTURELLI, Paulo. A literatura na escola. **Revista Letras**, Curitiba: n. 39, p. 259-269, 1990.

FONTE VIDEOGRÁFICA:

A ROSA PÚRPURA DO CAIRO. Direção de Woody Allen. EUA: Orion Pictures Corporation, 1985. 82 min. Comédia. Cor. Título original: The purple rose of Cairo.

JUVENTUDE TRANSVIADA. Direção de Nicholas Ray. EUA: Warner Bros, 1955. 111 min. Drama. Cor. Título original: Rebel without a cause.

LES MISÉRABLES. Direção de Bille August. França: 1998. 128 min. Drama. Cor.

MEU PÉ ESQUERDO. Direção de Jim Sheridan. Irlanda: Miramax, 1989. 103 min. Drama. Cor. Título original: My left foot.

TEMPOS MODERNOS. Direção de Charles Chaplin. EUA: Warner Bros, 1936. 87 min. Comédia. P&B. Título original: Modern Times.

FONTES DA WEB

AGÊNCIA ESTADUAL DE NOTÍCIAS (versão eletrônica). Disponível em: <http://www.aenoticias.pr.gov.br/modules/news/article.php?storyid=16703> Acesso em: 21/11/08.

ASSOCIAÇÃO DOS PINTORES COM A BOCA E OS PÉS. Disponível em: <http://www.apbp.com.br/associacao.asp> . Acesso em: 06/12/08

DCE - Diretrizes Curriculares da Educação Fundamental da Rede de Educação Básica do Estado do Paraná (versão eletrônica). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/...diretrizes/diretrizes/diretrizeslinguaportuguesa72008.pdf> Acesso em 25 ago. 2009.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

MORIN, Edgar. A alma do cinema. In: XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema.** Rio de Janeiro: Graal/Embrafilme, 1983.